


Segundo essa doutrina, como os soviéticos representavam uma forma de governo autoritária, que não respeitava a liberdade dos cidadãos, caberia aos Estados Unidos zelar pela defesa e pela liberdade mundiais, pelo menos no mundo ocidental.

Para colocar em prática os princípios da Doutrina Truman, foi criado o Plano Marshall, um conjunto de ações que visavam ajudar a reconstrução econômica dos países europeus e do Japão após a guerra. Assim, os EUA enviaram bilhões de dólares a esses países.

Com as medidas do Plano Marshall, o governo dos Estados Unidos esperava conter o avanço das ideias socialistas nos países da Europa Ocidental, reativar o comércio e, assim, criar uma área de influência estadunidense no território europeu. Por outro lado, a URSS mantinha a liderança na Europa Oriental, em parte da Ásia e em alguns países africanos.

O equilíbrio de forças entre os países do mundo se rompeu com a queda do Muro de Berlim (1989) e a desintegração da União Soviética (1991). Esses acontecimentos são marcos de uma nova geopolítica mundial, em que o capitalismo está em plena expansão, apoiado, entre outros fatores, na superpotência estadunidense. Nos últimos tempos, porém, a China e a União Europeia têm representado rivalidades do ponto de vista econômico em relação aos Estados Unidos, embora a influência militar, política e cultural deste país ainda tenha alcance global.

No entanto, nos últimos anos, os Estados Unidos têm enfrentado grandes desafios. Em 11 de setembro de 2001, um atentado terrorista em Nova Iorque afetou essa superpotência. Com isso, não apenas a paisagem da grande megalópole estadunidense foi modificada, mas o curso da história mundial também foi alterado. A ordem mundial foi perturbada e deu início ao que muitos chamam de época do pânico, era do terror ou era do medo.

A constatação de que um número reduzido de pessoas pode provocar mortes e destruição propagou o medo e a insegurança. Após esse episódio, o presidente George W. Bush ordenou o combate ao **terrorismo**, conhecido como Doutrina Bush, que previa, por exemplo, o uso da força sobre qualquer país que pudesse ser considerado uma ameaça à segurança dos Estados Unidos. Assim, o orçamento militar cresceu de maneira expressiva. Além disso, houve aumento da segurança de autoridades e das medidas de segurança em aeroportos e eventos com grandes aglomerações de pessoas. 

 Sugestão de atividade.

©ImageBroker/Easypix Brasil

Pessoas comemoram a destruição do Muro de Berlim em 1989, após a abertura das fronteiras entre Berlim Oriental (socialista) e Ocidental (capitalista). A reunificação da Alemanha marcou o fim da Guerra Fria e foi simbolizada pela queda do Muro de Berlim.



Presidente Harry Truman, 1947

Muito se fala do terrorismo como algo próprio da atualidade. No entanto, essa ideia não está correta. O terrorismo é uma antiga tática de guerra utilizada por exércitos, guerrilheiros e governos. Na verdade, é uma ação violenta que visa espalhar o pânico em determinados grupos, minando a capacidade de defesa. A característica mais marcante dos atentados terroristas recentes é o elemento suicida, representado pelo homem-bomba. Esse terrorismo é chamado de pós-moderno ou global, pois apresenta ações com muito planejamento, uso inteligente da mídia, arsenal de financiamento e de novos meios de destruição e natureza globalizada.



Os atentados de 11 de setembro

Em 11 de setembro de 2001, os Estados Unidos sofreram atentados terroristas sem precedentes, com a destruição das torres do World Trade Center, em Nova Iorque, e de uma das alas do Pentágono (centro burocrático-administrativo das Forças Armadas), em Washington.

Dezenove extremistas muçulmanos sequestraram aviões comerciais estadunidenses e os utilizaram como mísseis em atentados suicidas. No total, morreram 2 816 pessoas.

Os ataques foram atribuídos à organização terrorista Al Qaeda (a base, em português), liderada pelo milionário saudita Osama bin Laden, que vivia no Afeganistão sob a proteção do regime local, o Taleban. As autoridades afegãs se negaram a entregá-lo aos Estados Unidos.

Então, em outubro, os Estados Unidos e o Reino Unido atacaram o Afeganistão com bombardeios diários, que acabaram ajudando os afegãos da Aliança do Norte, contrários ao Taleban, a tomar a capital, Cabul. Isso aconteceu em novembro, colocando fim ao regime do Taleban. Osama bin Laden, porém, foi capturado e morto pelo exército estadunidense somente no dia 2 de maio de 2011, na cidade de Abotabad, no Paquistão.

Em 2014, os Estados Unidos e a Otan encerraram as operações militares no Afeganistão, porém o país ainda se encontrava ocupado por uma missão militar internacional. Os Estados Unidos se comprometeram a retirar todas as suas tropas em um período de três a cinco anos.



Ataque terrorista ao World Trade Center (Torres Gêmeas), em Nova Iorque, Estados Unidos, no dia 11 de setembro de 2001

Nesse contexto e sem a aprovação do Conselho de Segurança da ONU, os Estados Unidos invadiram e derrubaram os governos do Afeganistão (2001) e do Iraque (2003). Era uma clara demonstração de poderio militar, capaz de atuar em qualquer parte do mundo, e de força para expandir as relações no plano mundial. 5 Sugestão de abordagem do conteúdo.

Entre os estudos jornalísticos e os discursos de manifestação recentes, os norte-americanos deixam claro que o 11 de setembro foi um divisor de águas e que os ataques foram um choque de realidade sobre a vulnerabilidade do país. A partir dessa constatação, há os que almejavam o discurso do medo e da hostilidade aos imigrantes e outros que tentam mostrar que é na diversidade que reside a capacidade do país de se reinventar.

Antes e depois

Imigrantes que vivem nos Estados Unidos há vários anos relatam que a vida ficou mais difícil para estrangeiros depois dos atentados em 2001.

Há 23 anos nos Estados Unidos, Jorge Silva afirma que a postura com imigrantes se tornou menos amigável. "Antes para quem não tinha documentação legalizada, era mais fácil viver. Era possível tirar carteira de motorista e ter o social security [equivalente ao CPF]. Depois do 11 de setembro ficou muito mais difícil para o imigrante que entra legalmente se legalizar", disse Silva que, [...] trabalha no Consulado Brasileiro em Atlanta.

[...]

Muçulmanos também passaram a ser mais estigmatizados. Sheriha Kamish veio do Iraque para os Estados Unidos em 1998, aos 17 anos, com a família. Ela conta que depois do 11 de setembro viu diminuir a tolerância com os imigrantes sobretudo com os seguidores do Islâmismo.

"Me lembro bem que as pessoas começaram a nos ver como intrusos e muitos começaram a ter medo. Era comum ver pessoas cruzando a rua para evitar passar perto da gente", conta Sheriha, que usa véu no dia a dia e trabalha em um hospital como tradutora.

Na avaliação dela, o maior problema é a generalização. "Nos primeiros momentos no pós-atentado, as pessoas nos olhavam como potenciais terroristas e pensavam que todos nós éramos seguidores da Al-Qaeda."

Sheriha conta que viu ciclos de recrudescimento, com a ascensão do Estado Islâmico, e que muitos norte-americanos associam todos os muçulmanos que vivem no país ao grupo.

"Há um pensamento difícil de se combater de que todos os muçulmanos estão de acordo com os radicais terroristas. Isso é uma mentira que estigmatiza a todos", desabafa.

Mesmo para os norte-americanos que têm uma visão mais equilibrada e evitam estereótipos contra os imigrantes, os atentados ainda são uma ferida, lembrada anualmente nestes quinze anos.

FELIPE, Leandra. *Depois de atentado do 11 de setembro, EUA mudaram forma de encarar imigrantes*. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2016-09/depois-de-atentado-do-11-de-setembro-eua-mudaram-forma-de-encarar>>. Acesso em: 31 jan. 2020.

A eleição do presidente estadunidense Donald Trump, em 2017, é outro fator que está reestruturando a geopolítica mundial. Considerado pouco diplomático e com propensão a adotar **medidas protecionistas** na economia, Trump tem causado turbulências no cenário global, até mesmo nas nações historicamente aliadas. Alguns exemplos dessas ações são:

- ▶ Aumento da taxa sobre os produtos importados do México e da China, o que pode resultar na redução das exportações desses países.

São práticas que protegem as indústrias nacionais da concorrência com os produtos importados. Para isso, geralmente se recorre ao aumento de taxas para produtos importados e à isenção de impostos para os produtos nacionais. Com isso, os produtos nacionais se tornam mais baratos, e os importados, mais caros. As medidas protecionistas têm prós e contras: beneficiam as indústrias nacionais, dificultando o acesso a produtos importados, que não são produzidos ou não estão disponíveis em território nacional, mas restringem relações e parcerias comerciais.

- ▶ Tentativas de reduzir a posição de superpotência da China em nível comercial e tecnológico.
- ▶ Declaração de que a Venezuela representa perigo para a segurança nacional dos Estados Unidos, além de boicotar, com o apoio de países aliados, o petróleo produzido nesse país, que tem uma das maiores reservas mundiais desse recurso.
- ▶ Aplicação de sanções comerciais contra o Irã, em virtude de suposta violação do acordo nuclear.



Manifestantes protestam em frente ao Capitólio contra as ações militares estadunidenses no Irã, Washington, DC, 2020

conectado

Recentemente, o momento militar tem passado por uma verdadeira revolução com a utilização de novas tecnologias nos conflitos armados. Como você observou no mapa da página 22, e o texto a seguir reforça, os Estados Unidos vêm utilizando cada vez mais drones e satélites para combater o terrorismo.

Como o uso de drones mudou o cenário dos combates no Oriente Médio

O primeiro uso de um drone armado em combate ocorreu em outubro de 2001, na primeira noite da invasão do Afeganistão. Um comboio do Talebã foi alvejado.

[...]

Os EUA têm usado drones armados intensamente no Oriente Médio como parte de suas campanhas contra a al-Qaeda e o grupo autointitulado Estado Islâmico.

COMO o uso de drones mudou o cenário dos combates no Oriente Médio. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-49748760>>. Acesso em: 31 out. 2019.

Drone é a forma popular utilizada para designar um Veículo Aéreo Não Tripulado (Vant). Segundo o Departamento de Controle do Espaço Aéreo Brasileiro, Vant é qualquer veículo aéreo não tripulado. Por serem operados remotamente, esses equipamentos podem carregar bombas e ser empregados em ataques militares. Além de chamarem menos atenção, são mais baratos que aviões tripulados, portanto a sua derrubada pelo inimigo não causa tantos prejuízos.



O drone MQ-9, que tem o tamanho de um pequeno avião, é muito utilizado pelas Forças Armadas estadunidenses em ataques aéreos. Base Aérea Davis-Monthan no Arizona, Estados Unidos, 2019.

©Shutterstock/Michael Fitzsimmons

Geopolítica da América Latina

Os processos de independência de toda a América Latina, ocorridos basicamente durante o século XIX, coincidiram com o crescimento da economia estadunidense e a afirmação desse país como potência mundial. A hegemonia no continente americano fazia parte dos objetivos geopolíticos dos Estados Unidos desde a Doutrina Monroe, anunciada em 1823. Nela, o presidente James Monroe afirmava que o recém-descolonizado continente americano não deveria mais ser objeto de exploração e intervenção das nações europeias. Com a frase "América para os americanos!", os Estados Unidos assumiram um papel de liderança e hegemonia sobre os países desse continente.

A ação dos Estados Unidos na América Latina, tanto na área econômica quanto na política e militar, foi essencial para consolidar a sua posição hegemônica no continente e, durante a Guerra Fria, em todo o mundo. Nesse período, foi fundamental para o país evitar que a União Soviética conquistasse áreas de influência na América.

Depois do México, a América Central foi o segundo foco dos Estados Unidos, principalmente porque era imprescindível ter o controle de sua fronteira sul. Além do México, Panamá e Cuba tiveram, e ainda têm, papel importante na geopolítica dessa região.

O Brasil também fez parte da estratégia estadunidense em relação à América Latina. Para conter o socialismo, era necessário ter o controle sobre o vasto território brasileiro, por ele fazer fronteira com diversos países sul-americanos. A Escola Superior de Guerra, instalada em 1949, foi responsável pela formação dos militares brasileiros, com base na Doutrina de Segurança Nacional. Essa doutrina identificava e neutralizava inimigos internos, isto é, possíveis comunistas, além de uma pregar uma forte política de integração nacional, acreditando que, com isso, o modelo socialista não se instalaria no país. A adoção dos princípios dessa doutrina foi responsável pelos golpes militares ocorridos na América Latina, inclusive no Brasil, em 1964, sendo parte da estratégia geopolítica dos Estados Unidos. A ditadura brasileira durou 21 anos, terminando apenas em 1985.

Tanques na Avenida Presidente Vargas em 31 de março de 1964, dia da deposição do governo de João Goulart, data que marcou o início da Ditadura Militar no Brasil.

© Domínio público/Acervo Arquivo Nacional, Brasília

México: importância estratégica

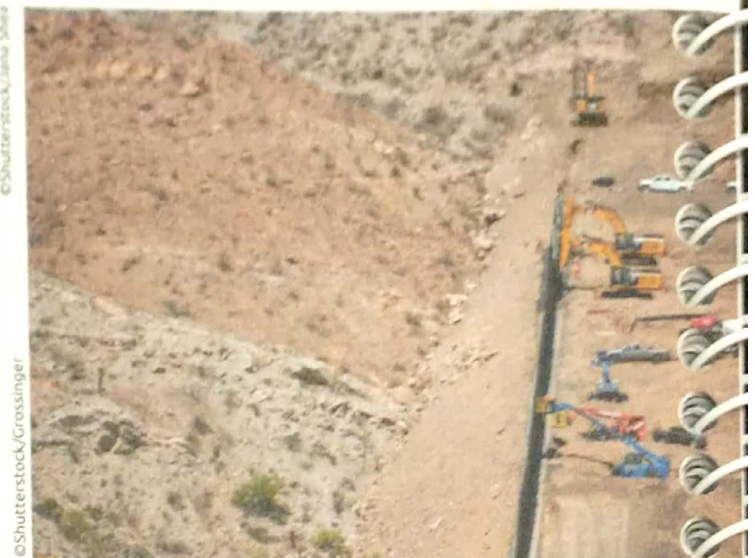
Os EUA consideravam a América Latina sua mais importante área de influência, em especial por questões de segurança e pela farta reserva de recursos naturais e humanos, que poderiam ser aproveitados. O México foi um dos países que mais sentiu essa influência. Inicialmente, isso ocorreu com a tomada de territórios mexicanos no século XIX, com decisões unilaterais do governo estadunidense, que geraram muitos conflitos. Como resultado, o México saiu derrotado, perdendo cerca de metade de seu território para os Estados Unidos.

Posteriormente, como já estudamos, o México teve grande importância estratégica para a economia estadunidense, que instalou milhares de indústrias maquiladoras nesse país, aproveitando os recursos mexicanos e usando a mão de obra barata. Nesse sentido, o México também passou a fazer parte do Nafta (atual USMCA), acordo de livre-comércio que envolve, além desse país, o Canadá e os Estados Unidos.

A fronteira entre o México e os Estados Unidos é um local marcado por tensões geopolíticas, por causa da imigração ilegal, das redes de tráfico humano, de drogas, armas e mercadorias clandestinas. A eleição de Donald Trump trouxe grande instabilidade para a região, porque os Estados Unidos ameaçam construir um muro em toda a fronteira. Além disso, o governo mexicano e organizações internacionais acusam a violação de direitos humanos pelo endurecimento da política migratória e das condições de detenção de imigrantes clandestinos.



Pessoas protestam contra o endurecimento da política migratória estadunidense, Filadélfia, Estados Unidos, 2019



Construção do muro na fronteira entre os Estados Unidos e o México, El Paso, Texas, 2019

Cuba e a revolução

Antes da Revolução Cubana, os Estados Unidos tinham muita influência sobre Cuba. Nos conflitos pela independência da ilha, ocorridos entre 1895 e 1898, a intervenção estadunidense foi fundamental para derrotar o exército espanhol e negociar um acordo de paz. Após esse episódio, os Estados Unidos continuaram ocupando Cuba, para, segundo eles, garantir sua independência.

A influência dos Estados Unidos em Cuba só começou a ser rompida em 1959, quando Fidel Castro, liderando um movimento revolucionário, depôs o ditador Fulgencio Batista. Depois de vencer as ameaças de invasão dos Estados Unidos e de ter recebido o apoio da União Soviética, aos poucos Fidel Castro assumiu uma orientação socialista, e Cuba se alinhou ao bloco soviético em 1961. Esse fato mudou o cenário geopolítico da América no contexto da Guerra Fria e reduziu a hegemonia estadunidense no continente, causando muitas tensões entre os dois países, que perduram até hoje.

Após a revolução, Cuba deixou de ser capitalista, tendo como principal parceiro econômico a União Soviética. No entanto, o ingresso de quase todos os países socialistas na economia de mercado isolou a ilha, que permanecia socialista, resultando em uma grave crise econômica. Para piorar a situação, desde 1962 Cuba sofre os efeitos do embargo econômico imposto pelos Estados Unidos, que aproveitam seu poderio para pressionar empresas estrangeiras a não negociar com Cuba. Mesmo com o embargo, Cuba ainda mantém negócios com o resto do mundo, mas a sua economia foi bastante afetada com isso.



Vista aérea da Base Naval de Guantánamo, Cuba, 2010

Com o passar do tempo, as restrições a Cuba perderam força, o que reduziu o isolamento da ilha, mas foram retomadas em 2017, com a posse de Donald Trump. A Base Naval de Guantánamo, em Cuba, é um espaço de tensão geopolítica entre esse país e os EUA. Alugada para os EUA em 1903, ela se transformou em prisão militar, destinada a combatentes capturados no Oriente Médio. O governo de Havana, no entanto, considera o local uma ocupação ilegal dos EUA em território cubano.



olhar geográfico

Leia a notícia a seguir e responda às questões propostas.

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, anunciou [...] uma revisão do acordo com Cuba firmado por seu antecessor, Barack Obama – passo que marca um recuo na aproximação entre os dois países, apesar de terem sido mantidas as relações diplomáticas.

[...]

Para o presidente, “o alívio das restrições sobre viagens e comércio, promovido pela gestão passada, não ajuda o povo cubano, apenas enriquece o regime [ditatorial]”.

Trump anunciou que serão restabelecidas algumas restrições a Havana, envolvendo viagens de americanos à ilha e negociações entre empresas dos Estados Unidos e entidades militares cubanas.